[MOBILIDADE]

Desenhado para compartilhar

A popularidade do *carsharing* – aluguel de carros por curtos períodos ou por hora – levou a empresa alemã de engenharia Edag a desenhar um carro especialmente para o segmento. Apresentado no início de março no show automotivo de Genebra, na Suíça, o projeto do Light Car Sharing Concept leva em conta que o veículo será compartilhado por muitos motoristas em ambientes urbanos.

O carro é compacto e elétrico, com velocidade máxima de 100 km/h e capacidade para rodar 100 quilômetros por recarga. Alto, com portas grandes, facilita a entrada e a saída de motorista e passageiros. Não há porta-luvas e outros compartimentos, e o design usa materiais leves e componentes facilmente substituíveis. O usuário conecta-se ao sistema da empresa com seu smartphone e localiza o carro mais próximo – uma "chave bluetooth" permite que abra o carro e saia dirigindo. O débito pelo uso também é feito pelo smartphone, e um sistema de GPS permite que a empresa saiba onde o veículo está a qualquer momento. A ideia é que o carro não seja vendido diretamente ao consumidor, mas apenas a companhias de *carsharing*.

Em janeiro, 18 dessas companhias formaram a Car Sharing Association (http://www.carsharing.org), para estabelecer padrões sociais, ambientais e éticos para o setor, que continua crescendo – é possível compartilhar carros em centenas de cidades ao redor do mundo. Em Paris, até o fim do ano deve entrar em funcionamento o Autolib, programa de *carsharing* operado pela prefeitura no modelo do Vélib, que oferece bicicletas para alugar desde 2007. ***(FP)***

[AMAZÔNIA]

Conexões perigosas

"São Paulo continua como a mais importante financiadora da devastação da Amazônia", conclui Leonardo Sakamoto, um dos responsáveis pela segunda parte do estudo *Conexões Sustentáveis*, divulgado no final de fevereiro. Segundo ele, grandes empresas que atuam na cidade mantêm fornecedores na Região Amazônica responsáveis por práticas como escravidão, trabalho infantil e desmatamento.



O estudo foi dividido em três blocos: pecuária bovina, soja e madeira. Para cada um deles são apresentadas situações que atestam a ligação entre as empresas e as atividades ilegais. No caso da madeira, apontado como um dos mais graves, a pesquisa identifica atividades que, numa primeira visão, estariam desvinculadas, mas que se combinam numa mesma cadeia produtiva ilícita.

Há situações, por exemplo, em que a madeira ilegal é usada nas caldeiras de grandes frigoríficos. Assim, mesmo comprando carne lícita, eles continuam incentivando a ilegalidade.

O caso da madeira se destaca devido às projeções de crescimento do setor da construção civil, atualmente o que mais utiliza madeira ilegal em São Paulo. Até 2030, seu PIB deve crescer em torno de 200%.

Segundo Sakamoto, muitas das empresas saem pela tangente, alegando que seu produto provém de uma área legal, mesmo que esta esteja relacionada a um proprietário ou uma propriedade com territórios embargados.

"Continua-se, da mesma forma, financiando áreas ilícitas quando um produtor usa o dinheiro das partes legais para investir nessas outras áreas. É só uma forma de contornar a fiscalização."

O estudo é uma iniciativa do Fórum Amazônia Sustentável e do Movimento Nossa São Paulo, em parceria com as ONGs Repórter Brasil e Papel Social Comunicação. ***– por Éli Ridolfi***

[INFRAESTRUTURA]

Cubatão baiana

A sombra, a água fresca e a imensa riqueza natural do sul baiano sofrem séria ameaça. Grupos de moradores locais e organizações socioambientais, lideradas pelo movimento Rede Sul da Bahia, estão se mobilizando para impedir a construção